

Sessão de Abertura

WORLD OLIVE OIL SUMMIT - CONGRESSO NACIONAL DO AZEITE 2018

CNEMA, 7 junho 2018

Exmo. Presidente da CAP, Eng.º Eduardo Oliveira e Sousa
Exmo. Embaixador do World Olive Oil Summit, Prof. José Gouveia
Exmo. Diretor Executivo do Conselho Oleícola Internacional, Sr. Abdellatif Ghedira
Exma. Sra. Diretora Regional de Agricultura e Pescas de Lisboa e Vale do Tejo, Dra. Elizete Jardim
Exmos. representantes de organizações internacionais
Caros participantes
Minhas Senhoras e meus Senhores

Começo, naturalmente, por agradecer o amável e honroso convite que a CAP me endereçou para presidir à sessão de abertura da Cimeira Mundial do Azeite e do Congresso Nacional do Azeite, realizados por ocasião da Feira Nacional de Agricultura 2018 e dar os parabéns à organização pelo facto de, nesta edição, ter adotado o AZEITE como tema dominante.

Este ano o Congresso Nacional do Azeite é realizado em simultâneo com a Cimeira Mundial do Azeite, o que muito nos honra, arriscando-me a afirmar que a escolha de Portugal é, seguramente, também o reconhecimento por parte das instâncias internacionais, da dinâmica que o setor do azeite vem revelando no nosso País ao longo da última década, colocando-o, de forma crescente, na agenda internacional do setor.

Gostaria também de manifestar o apreço do Governo, que aqui represento, pelo trabalho empenhado de todos os que fizeram da olivicultura um caso de sucesso da agricultura portuguesa. Todos sem exceção - olivicultores, empresários agroindustriais e associações de agricultores.

Ao longo do dia, serão debatidos os temas que merecem reflexão e, sobretudo ação - uma agenda abrangente do que é verdadeiramente importante na agenda

da cadeia de valor do azeite e, para o efeito, temos entre nós reputados peritos nacionais e internacionais.

Esta iniciativa surge num período de grande desenvolvimento do olival na maioria dos 58 países produtores de azeite, procurando responder a um interesse crescente dos consumidores de todo o mundo pelas características do azeite, enquanto gordura vegetal saudável.

A produção mundial está muito concentrada em 10 países, que representam 93.5% da produção global, com destaque para a Espanha que produz metade da produção mundial. Esta concentração verifica-se também ao nível do consumo, em que 10 países são responsáveis por 75% do valor global. No capítulo das exportações, a Espanha, a Itália e a Tunísia, representam, no conjunto, 85% das exportações mundiais de azeite.

A área de olival a nível mundial abrange 11.5 milhões de hectares, dos quais 87% dedicado à produção de azeite, tendo nos últimos 12 anos, sido plantados, aproximadamente, 1,7 milhões de hectares de olival e só na última campanha de 2016/2017, foram acrescentados 162.000 hectares à área de olival no planeta.

O setor do azeite assume uma importância nuclear nos países produtores, porque para além da vertente económica, responsável por um volume de negócios estimado de 10.000 milhões de euros, ocupando 35 milhões de pessoas, assume particular relevância na ocupação territorial de regiões desfavorecidas, com poucas alternativas culturais, contribuindo também para o equilíbrio ambiental e para a biodiversidade de vastas áreas no mediterrâneo.

Em Portugal assistimos, desde a última década, a uma grande mudança do panorama olivícola português, com maior intensidade na região alentejana, em resultado, por um lado, dos sinais de evolução do mercado mundial e, por outro,

de uma profunda alteração estrutural e tecnológica, que decorre de um conjunto de fatores:

- Investimento qualificado nas explorações agrícolas e em lagares
- Expansão significativa da área de regadio, com destaque para o Alqueva
- Aposta no conhecimento e na qualidade
- Elevados índices de inovação ao nível das práticas culturais e do processamento industrial
- Dinâmicas empresariais ativas e crescentemente orientadas para o mercado e para as exportações

Os números de que dispomos ilustram bem essa trajetória de sucesso. Em 2017 a produção do azeite atingiu um valor record com 125.000 toneladas, o que corresponde a um aumento de 80% face ao ano anterior, representando a maior produção de azeite das últimas décadas. Entre 2010 e 2017, a produção registou uma taxa média de crescimento anual de 10,3%, o que é notável.

A produção nacional está a crescer de forma sustentada, com um perfil de qualidade mais elevado, passando Portugal na última década de um défice crónico da balança comercial para um superavit que atingiu os 150 milhões de euros em 2017. É importante referir que esta evolução se verificou num contexto de preços satisfatórios para a produção.

Portugal dispõe de condições edafo-climáticas únicas, encontrando-se esta cultura distribuída por todo o interior do país com manchas relevantes em algumas regiões, mas esta mudança não seria possível, sem uma aposta muito forte nas condições estruturais que emergiram na sequência da criação de novas áreas de regadio na região de Alqueva. E a recente decisão do Governo de expandir a área de Alqueva para mais 50.000 hectares, vai seguramente ampliar a dinâmica de crescimento da agricultura portuguesa, também por via do investimento estrangeiro.

O regadio de Alqueva teve, neste percurso, um papel decisivo, expresso na expansão da área de olival e na intensificação da produção. Nos últimos 15 anos o Alentejo quintuplicou a produção de azeite e aumentou 25% a área de olival. Esta região representa já 51% da área total de olival do país e 87% da área de olival do país em regadio. A produção da região representa cerca de 79% da produção nacional de azeite.

Portugal é um dos países da Europa que será mais afetado pelas alterações climáticas, enfrentando uma variedade de impactos potenciais como aumentos na frequência e intensidade de secas, inundações, ondas de calor, incêndios florestais, erosão e outros fenómenos extremos, pelo que o reservatório de água do Alqueva, assume um papel estratégico na mitigação do impacto desses cenários.

Os cenários climáticos para Portugal apontam para a confirmação das tendências de variação da temperatura e da precipitação, com a consequente previsível diminuição da disponibilidade de água e o aumento dos processos de desertificação. Por essa razão, o uso eficiente da água é um aspeto crucial na condução dos sistemas de produção, independentemente do modelo de intensificação.

A dimensão significativa das explorações, a inovação tecnológica e a disponibilidade água, acompanham o aumento significativo do investimento, quer nacional, quer estrangeiro, na modernização do olival tradicional, na instalação de novos olivais, intensivos e super intensivos, com colheita mecanizada e produtividades muito superiores ao olival tradicional.

Portugal possui 325.000 hectares de olival, dos quais 165.000 localizados na região do Alentejo (51%). Nesta região o olival intensivo representa 9%, o super intensivo 14% e o olival tradicional 77%.

Apesar das limitações conhecidas, o olival tradicional, sendo largamente dominante em Trás-os-Montes e Beira Interior e corresponde a $\frac{3}{4}$ da superfície

olivícola do Alentejo, não está condenado ao abandono, tendo, na minha opinião, possibilidades reais de aumento da produtividade, recorrendo às novas tecnologias, introduzindo novas práticas culturais, alterando compassos, efetuando podas de rejuvenescimento, adensamentos e montagem de sistemas de fertilização e de rega mais eficientes e responde a segmentos da procura de qualidade diferenciada.

A produtividade do olival é um tema a que temos, naturalmente, de prestar atenção, porque o contexto mundial que se caracteriza por oscilações significativas nos volumes de produção, contrasta com uma procura relativamente estável nos últimos 15 anos, dando indicações de que, quanto maior for a escala da produção, maior será a capacidade de ajustamento à volatilidade dos preços de mercado, o que lança um desafio ao olival tradicional para desenvolver estratégias de diferenciação associadas ao território e às variedades autóctones.

Por outro lado, as políticas que estimulam o aumento da produção, têm de estar alinhadas com os objetivos de sustentabilidade, tendo presente o impacte das alterações climáticas nos sistemas de produção - essa é a única garantia de consolidação e perenidade da produção de azeite.

A nova realidade da cultura do olival nacional, com uma expansão assinalável da área plantada e reconvertida, suscita, naturalmente, uma reflexão por parte do Governo que decidiu, seguindo também uma Recomendação recente da Assembleia da República, atualizar o estudo efetuado em 2008, reavaliando o impacto da cultura do olival no ambiente e nos solos.

Por este conjunto de razões, as políticas públicas combinam o apoio à expansão do olival, com incentivo às estratégias de diferenciação da produção, porque ambas contribuem para desenvolver o setor em Portugal.

Neste processo, é inquestionável o papel determinante dos instrumentos de política de apoio ao investimento no setor, atuando como uma alavanca ao desenvolvimento de iniciativas dos agricultores e das empresas, que se traduziram em níveis de investimento sem precedentes na agricultura portuguesa.

Em resumo, em 10 anos (2007-2017), a intensidade de capital canalizada pelos dois instrumentos de política para o setor - PRODER e PDR 2020 - com apoios a fundo perdido, atingiu os 300 milhões de euros, tendo sido aprovados cerca de 2400 projetos, a que está associado um investimento da ordem dos 768 milhões de euros, envolvendo igualmente um conjunto significativo de projetos promovidos por jovens agricultores, aspeto essencial para a regeneração do tecido produtivo agrícola.

No conjunto, são verbas significativas que, seguramente, assumiram uma enorme importância nas decisões de investimento e que contribuirão para reforçar a competitividade e acentuar também a trajetória de sucesso do setor oleícola.

A evolução do comércio internacional de azeite nos últimos anos revela também dados muito animadores. As exportações, em valor, **triplicaram** entre 2010 e 2017, com um crescimento médio anual de 17%, atingindo **496 milhões de euros neste último ano, representando o maior valor da última década - marca notável, sem dúvida** - revelando um comportamento dinâmico das exportações, colocando Portugal em **quarto lugar** do ranking mundial dos países exportadores, com uma quota de 6% das exportações mundiais.

Portugal regista atualmente taxas de crescimento acima dos países produtores de azeite, quer na produção, quer nas exportações, registando os preços médios unitários de exportação, um crescimento de 35% nos últimos 8 anos. Também o elevado número de prémios obtidos nos últimos anos pelos azeites portugueses em certames internacionais, dá indicações de um cada vez maior reconhecimento da excelência atingida por algumas marcas nacionais.

São aspetos naturalmente positivos, que resultam da dinâmica das organizações agrícolas e do maior envolvimento das empresas nos circuitos de distribuição internacionais, mas que não nos devem afastar de uma realidade sobre a qual temos de refletir e, sobretudo, mudar.

Por um lado, 86% das exportações de azeite nacionais evidenciam uma concentração expressiva em três mercados - Brasil (40%), Espanha (31%) e Itália (16%), o que nos coloca o desafio de diversificação para novas geografias e mercados emergentes, beneficiando de um contexto muito favorável existente em muitos Países, onde se verifica uma utilização crescente de azeite.

Por outro, constata-se que as exportações, nos mercados mencionados, correspondem maioritariamente a azeite a granel, pelo que sem prejuízo da importância deste canal, temos de progredir na cadeia de valor do azeite e para atingir esse objetivo é necessário que produtores e empresários - indústria e embaladores - assumam estratégias ativas e consistentes de valorização do azeite.

Mas esta dinâmica pressupõe, na minha opinião, políticas de comunicação diferentes - é isso que estão a fazer os nossos parceiros mundiais. Por um lado afirmando a ideia do **azeite como produto saudável**, utilizado, de forma crescente, pela gastronomia mundial, sendo necessário reforçar a promoção do azeite, através, designadamente, de campanhas de sensibilização junto dos jovens e das escolas de hotelaria e turismo.

Por outro, a criação de um cluster orientado para a exportação de azeite, à semelhança do modelo encontrado por outros setores como o vinho com a **WINES OF PORTUGAL** ou as frutas, hortícolas e flores com a **PORTUGAL FRESH**, seria um passo importante para reunir os empresários do setor, definir uma estratégia conjunta de atuação nos mercados externos e de promoção, com a presença organizada em certames internacionais sob um chapéu único, assente em políticas ativas de marketing polarizadas na marca e na qualidade

diferenciada, posicionando o nosso azeite nos segmentos de maior valor, tirando, desta forma, partido da crescente notoriedade do azeite português no mercado internacional. Este setor uma estrutura interprofissional - a AIFO - que poderia ser o motor de uma iniciativa desta natureza.

Mas estas opções - diversificação dos mercados e clusterização - traduz-se também noutras vantagens, na medida em que reforça a resiliência à vulnerabilidade das alterações conjunturais, amortecendo os efeitos negativos associados à volatilidade dos preços mundiais à retração dos mercados e às barreiras não tarifárias impostas pelos mercados de destino, dando assim maior estabilidade à fileira e ao rendimento dos olivicultores.

A organização da produção é também um fator determinante para se ganhar este desafio - o grau de concentração da oferta nacional é um fator decisivo para reforçar a capacidade a competitividade do setor, ganhando escala, aumentando a eficiência das organizações, permitindo também uma distribuição mais equitativa de valor ao longo da fileira do azeite.

Para avançar neste domínio, é necessário que estas organizações disponham de quadros técnicos qualificadas, com competências de gestão e de marketing, identificando os canais de distribuição relevantes e as tendências da procura, na perspetiva de transmitir esses sinais, de uma forma eficaz e rápida aos parceiros envolvidos.

Atualmente estão reconhecidas 5 organizações de produtores, todas na região do Alentejo, que revelam uma crescente importância destas organizações na produção de azeite nacional. É um caminho onde temos de continuar a progredir - é preciso ir mais longe.

Mas não há competitividade sem inovação e este Governo tem uma agenda neste domínio que assenta em três pilares: a **primeira** através das já criadas Redes de Investigação - **Rexia2**, Rede Investigação e Experimentação da vinha e do vinho e a **Rede Alentejo Agronet** -, onde estão integrados os dispositivos

de investigação e experimentação constituído pelas quintas de experimentação do Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural.

A **segunda** consiste no apoio aos Grupos Operacionais, no âmbito do PDR 2020, que são igualmente um veículo de transmissão de inovação para a economia agroalimentar, através de parcerias entre empresas, Universidades, Institutos de Investigação e organizações de produtores. Este apoio envolve uma dotação de 30 milhões de euros, tendo sido aprovados 4 projetos no setor do azeite, envolvendo 21 parceiros, a que corresponde 1 milhão de euros de investimento elegível e 730 mil euros de apoio, com 75% a fundo perdido.

A **terceira** é constituída pelos Centros de Competências (são já 15), nas mais diversas fileiras agroalimentares, onde o MAFDR está presente através do INIAV, com estratégias e planos de ação objetivos, que para além de funcionarem como plataformas de transferência de conhecimento e tecnologia, são, em muitos casos, motores de desenvolvimento regional. Faço notar que seria importante para a fileira do azeite dispor de um Centro de Competências que, à semelhança de outros setores, conduzisse os temas da inovação e da investigação, de uma forma coordenada - fica aqui o desafio.

Temos tudo no setor do azeite para atingir níveis de competitividade mais elevados e um posicionamento mais forte no mercado internacional: produção olivícola em crescimento, qualidade diferenciada, operadores dinâmicos, orientação para o mercado, reconhecimento internacional, políticas ativas de incentivo ao investimento e redes de investigação orientadas para a transferência de conhecimento para o setor. **É minha convicção de que vamos ganhar este desafio.**

Estou convicto de que temos ainda pela frente um caminho de expansão assinalável que importa não desperdiçar e queremos, decididamente, fazer parte de um movimento mundial a favor da promoção de um produto ancestral na cultura dos povos e com características únicas, que faz cada vez mais parte da dieta dos consumidores de um conjunto alargado de países.

Termino, renovando os meus votos para que a Cimeira Mundial do Azeite e Congresso Nacional do Azeite, sejam uma referência futura de conhecimento para apoiar as estratégias dos operadores da fileira do azeite e represente um contributo positivo para o crescimento sustentado do sector do azeite a nível mundial.

Muito obrigado